

A PUBLICAÇÃO E A ESCRITA CIENTÍFICA NA IMPRENSA INTERNACIONAL: TENDÊNCIAS DE MUDANÇA

A publicação da investigação em revistas científicas internacionais é uma prática com uma longa história nas comunidades científicas, mas tem vindo a ser particularmente incentivada desde que a quantidade de *papers* produzidos se tornou um indicador central na avaliação da produtividade das instituições académicas e dos centros de investigação. Esta circunstância tem vindo a gerar uma crescente pressão para a publicação, tornando-se preocupação omnipresente para todos quantos trabalham em Ciência. Nos últimos anos desenvolvemos interesse pelo modo como a escrita e a publicação permitem mapear as transformações que têm vindo a ocorrer no sistema da Ciência e as consequências da pressão para a publicação na própria forma de produção do conhecimento.

Entre 2019 e 2020 realizámos uma investigação no âmbito de um pós-doutoramento intitulado «A investigação nacional na psicologia: impacto científico e tendências internacionais», que decorreu na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade

do Porto. De entre as várias análises empreendidas ao longo deste projeto, destacaremos aqui uma delas: a análise da imprensa, com especial enfoque para os resultados referentes a momentos de mudança. Trata-se de uma linha de investigação que procurou identificar momentos e desafios importantes nas formas de publicação e escrita científica em termos da imprensa internacional.

Assim, no primeiro semestre de 2019, automatizámos o *Google News* relativamente a três termos: «*Open Science*»; «*Open Access*» e «*Scientific Citation*». Obtivemos assim um corpo de notícias sobre o qual, depois de depurar, realizámos uma análise de conteúdo. Partilharemos aqui, em termos gerais, algumas das principais problematizações e acontecimentos registados no período em questão.

A amostra era constituída por um total de 95 textos, escritos maioritariamente em inglês. As notícias iam desde um tom mais pedagógico, por assim dizer, como aqui *Should I publish in an open access journal?*, (*The BMJ*); a um tom mais informativo *To meet the 'Plan*



RUI TINOCO
ACES PORTO
OCIDENTAL



LUÍS FERNANDES
FACULDADE PSICOLOGIA
E CE DA UNIV. DO PORTO



S' open-access mandate, journals mull setting papers free at publication, (Science Mag), incluindo também artigos de opinião Scientific journal snubs academic over Sleeping Beauty metaphor, (The Guardian).

Num primeiro momento, dividimos as notícias em três grupos, de acordo com o seu teor: factual, interpretativo e opinativo. As notícias de carácter factual foram mais de metade; sendo o restante dividido entre as notícias interpretativas (que partiam de uma determinada base factual para tentar compreender) e os textos de carácter opinativo (artigo de opinião). Foi um esforço de caracterização da amostra que depois seria objeto de análise de conteúdo.

Em termos de núcleos temáticos, organizámos a informação em vários eixos, a saber: notícias sobre a mudança; sobre coisas que devem permanecer; sobre aspetos pedagógicos da vida de investigador; sobre comportamentos transgressivos; sobre financiamento de projetos científicos; e, finalmente, sobre revistas científicas. Por motivos da

própria natureza deste espaço centraremos a nossa explanação no primeiro destes núcleos temáticos.

Assim, em termos de mudança realçamos algumas notícias, como as que dão conta do desenvolvimento do plano cOAlition S, que conta já com apoio da China e da Índia, para além de numerosas agências financiadoras do continente europeu. Trata-se de se passar para um registo de *open access* a todos os produtos resultantes de investigações financiadas - um modelo próximo do já aplicado pela Bill and Melinda Foundation, no outro lado do oceano.

A pressão para a mudança faz-se notar ainda pela crítica de um estado de coisas que valoriza os resultados que são muito significativos e que, de alguma forma, prendem a atenção. Estes fatores poderão depois explicar uma certa crise de replicabilidade da ciência, ou seja, um alastramento de estudos e de resultados publicados que não se conseguem duplicar, com idênticos resultados, por outras equipas de cientistas. Há um alastramento da

bad science: os resultados não são replicáveis, apesar de conseguirem atrair a atenção.

Salientamos, pelo seu significado, duas peças noticiosas que se debruçam sobre mudanças sugeridas para o processo de revisão de pares. Numa delas argumenta-se que toda a apreciação deveria passar a ser pública; noutra compara-se o processo de revisão de pares a uma dimensão mística e incompreensível.

Outras notícias centram-se sobre as consequências da passagem para um modelo de ciência aberta, que poderá implicar a transferência dos custos de publicação para o produtor do conhecimento. Uma notícia refere ainda que, nos EUA, alguns trabalhos, já passados pelo crivo normal, têm sido classificados como preliminares – o que foi lido como uma interferência do poder político no normal desenvolvimento da ciência.

Também registámos críticas ao atual modelo competitivo, muito centrado na publicação de *papers* e na medição do respetivo impacto. Urge, nessas peças, a passagem a um modelo mais colaborativo, em que se valorize a partilha, inclusive das próprias bases de dados (*open data*). Numa outra peça registamos o apelo a uma *slow science*, preocupada também com os aspetos morais e éticos das suas descobertas, bem como com o modo como elas são aplicadas. O modelo baseado em artigos protegidos por *paywall* é, assim, alvo de críticas nesta nossa categoria de análise (a mudança), nomeadamente para a área das Humanidades. O impacto científico dos trabalhos nesta área passa muito pela sua difusão nas comunidades de que fazem parte (algo que estamos, de resto, a fazer ao publicar aqui esta síntese da nossa investigação).

Realçamos ainda duas vozes próprias. Uma delas é a de um estudante que se inscreveu num doutoramento e queria investigar determinada área. Viu-se obrigado a escrever um artigo de revisão de definições para, no final, propor mais uma. O trabalho

teve grande impacto, recebeu louvores por isso, mas ele no fundo sentia-se frustrado por não ter podido trabalhar na área que desejava, revoltando-se com o modo como o impacto científico é atualmente medido e condiciona as opções temáticas.

Uma outra voz vem de um professor dinamarquês. Trata-se de um investigador já com um longo percurso em termos temporais. Durante muito tempo publicou os seus trabalhos em revistas internacionais e no seu próprio país, interrogando-se por que razão estaria agora a ser considerada uma desonestidade bibliométrica, a dupla publicação, prática que sempre observou antes deste “regime bibliométrico” e que não teve outro objetivo que não o da divulgação científica também no seu país de origem.

Finalmente, no período desta coleta de dados,

surgiu um grande acontecimento: a Universidade da Califórnia não conseguiu chegar a acordo com a Elsevier, uma das grandes casas editoriais a nível mundial. Esta universidade não renovou o contrato, deixando a partir de então de ter acesso a novas publicações, mantendo embora acesso às que já tinha anteriormente. Na origem do desacordo esteve, nomeadamente, a exigência da universidade de garantir o acesso aberto das obras que assinava.

Recordemos que optámos por falar aqui apenas de uma das categorias que emergiram na nossa análise de conteúdo, a mudança. Poderíamos ter realçado outras, como a defesa do *status quo* ou ainda os comportamentos transgressivos. Algumas passagens de notícias aí classificadas referem-se aos mesmos ou idênticos acontecimentos, mas sublinhando aspetos positivos do atual estado de coisas; outras passagens referem comportamentos transgressivos, como o do *Sci-Hub*, – site que disponibiliza um sem número de artigos científicos, contornando de forma ilegal as limitações dos artigos sujeitos a *paywall*, acabando

**“A *open science* poderá
condicionar os cientistas
dos países mais pobres,
pois as revistas científicas
poderão passar os custos
da publicação para os
próprios autores”**



por disponibilizá-los sem autorização.

Faremos, por certo, em revistas científicas uma apresentação sistemática da nossa investigação. Por enquanto, algumas notas reflexivas... A forma de publicar e de tornar disponíveis as investigações científicas parece estar sujeita a grandes pressões de mudança. Uma das modificações poderá ter a ver com o modo como se publicam os trabalhos: a pressão para a celeridade e o acesso à informação parecem exercer pressão no sentido de se agilizar o processo de revisão de pares – por exemplo tornando-o público – ou ainda permitindo a publicação em versões provisórias dos artigos que vêm a lume em formato de pré-publicação.

Existe atualmente uma pressão para a instantaneidade no acesso aos dados e aos resultados. A *open science* pode ser lida também um pouco sob este prisma: um acesso universal dos resultados e da descoberta em Ciência – isto põe-se também nos casos em que as agências financiadoras garantem a produção de trabalhos que depois são objeto de benefício financeiro de terceiras partes.

A esta tendência para a aceleração e partilha contrapomos alguns apelos que lemos na nossa amostra para a prática de uma *slow science*, em que os resultados são maturados ao longo do tempo, em que a pressão para exibir resultados espetaculares não é o principal motivo da investigação. Uma Ciência preocupada com o processo do pensamento e não apenas com a produção de mais e mais artigos

científicos com maior impacto – impacto esse que não privilegia a descoberta mas, por exemplo, os artigos de revisão de conceitos.

As mudanças acontecem simultaneamente e estão a afetar todo o contexto em que atualmente se produz Ciência. É necessário problematizar estas mudanças: elas provocam, por exemplo, também momentos de defesa do status quo. A *open science* poderá condicionar os cientistas dos países mais pobres, pois as revistas científicas poderão passar os custos da publicação para os próprios autores; os custos da publicação poderão passar a estar incluídos nos financiamentos; a liberdade de publicação onde se quiser nunca deverá ser condicionada pelos financiadores. Estes são alguns dos argumentos que tendem a defender um modelo centrado no artigo pago.

Parece-nos, no entanto, que existem já mudanças significativas em direção a uma *open science* que implicarão efetivamente novas práticas. Também a constatação de uma crise de replicabilidade ou o apelo a uma *slow science* com preocupações morais sobre o destino do que ela vai descobrindo, fazem-nos crer que muitas mudanças nessa direção são, não só desejáveis, como também necessárias.

Temos perante nós, novamente, a questão de combinar a eficácia da práxis e o pensamento sobre essa práxis – o cientista não pode ser somente um técnico, por muito diferenciado que seja.